



CASTELLO DE PFALTZ NO RHENO.

O RHENO.

O RHENO, tão famoso nos antigos como nos modernos tempos, rico de paizagens, cheias de belleza ou de magestade, e de memorias e

JANEIRO 8 — 1842.

tradições, é se attender-mos á extensão do curso o quarto rio da Europa, abaixo do Volga, do Danubio e do Dnieper, mas se o considerarmos como canal de commercio é sem contradicção o primeiro do nosso continente. Nasce

2.^a SERIE — VOL. I.

nos Alpes da Suíça (*), em varias partes divide do territorio d'Alemanha aquella região, depois separa a Alemanha da França, atravessa os dominios de diversos principes da Confederação germanica, e por fim vai embeber-se nas planicies da Hollanda, por onde sahe ao mar por differentes braços. Sua primeira direcção é para nordeste, chega ao lago de Constança tendo descido 4750 pés n'uma distancia, comparativamente curta, da sua origem; atravessa o lago, e corre para o occidente, sendo cortado por um ramo dos Alpes, pouco abaixo de Schaffhausen, onde faz a celebre cataracta ou cachoeira desse nome: em Basilea [Bâle] engrossa o volume de suas aguas o rio Aar; vira para o norte, e segue geralmente esta direcção até a embocadura. Rega o formoso e abastado valle em que jazem a Alsacia, parte do territorio de Baden, o Palatinado e Moguncia [Mayence]. Passando por Kehl, fronteira a Strasburgo, corre mui impetuoso, serena-se porem entrando n'um largo canal, salpicado de amenas ilhas, povoadas d'arvoredos: em Moguncia as suas margens assumem o aspecto gracioso, que lhe dá fama: daqui até Colonia exhibe as feições caracteristicas da sua paisagem romantica. Em Coblenz se lhe junta o Moselle, e percorre um terreno mais descoberto e plano que o antecedente, porem aprazivel; e ao avisinhar-se a Colonia ainda apresenta um lindo paiz na proximidade das decantadas Sete-Montanhas, que é a ultima scena pittoresca do Rheno. Dahi por diante o rio que tão caudaloso se ostentava vai sumindo suas aguas gradualmente n'um solo baixo e despido de amenidade, até perder o nome, quasi que desaparecendo nos terrenos d'alluvião da Hollanda.

Quando o viajante, tendo descido o Rheno, se acha a 29 milhas inglezas de Moguncia, depois de atravessar pelo espaço de quasi 12 milhas o delicioso paiz rhenano, que começa em Bingen; chega a uma rocha, que está solitaria em meio da corrente, coroada por um edificio brutesco e singular, com o tecto cuberto de cincoenta pyramidesinhas de lousa exactamente parecidas com apagadores: tal é o que a nossa gravura representa, ainda que nesta não era possivel dar toda a multidão das agulhas do tecto. Chama-se o castello de Pfaltz; está defronte do burgo ou villa de Kaub, no Palatinado, que era uma das antigas divisões do imperio germanico, comprehendendo o territorio d'ambas as margens do Rheno nesta parte do seu curso. Esta fortaleza era uma prisão

(*) Sua origem é no coração da Suíça, na parte sudoeste do cantão dos Grisões, onde chamam a todos os rios e grandes correntes *rheinen*, palavra que parece ser de raiz celtica ou germanica. Assim se lê em Malte-Brun.

d'estado, e servia ao mesmo tempo de impedir que as embarcações se esquivassem a pagar os direitos estabelecidos em Kaub. Um inglez, que escreveu em 1792, diz que a segurança das grossas muralhas e das grades de ferro, as masmorras subterraneas, os fortes alçapões, tiravam ao prisioneiro toda a esperança de evadir-se: e que uma sentinella, postada sempre na torrinha, a toque de sineta dava aviso aos da alfandega, que andavam na praia, por fórma que era impraticavel passar embarcação sem ser vista. Diz-se que ha dentro do castello um poço de agua doce mui fundo, e que todavia não tem com o rio communição alguma.

PORTUGAL.

II.

OBSERVATORIO ASTRONOMICO DE COIMBRA.

2.º

TINHAMOS ficado no gabinete em que se guarda a collecção das Ephemerides que a Universidade tem publicado, e foi ao dar esta noticia que fomos conduzidos a uma pequena digressão acerca de taes publicações.— Agora continuando a fazer menção do que ha no edificio, passaremos ao gabinete das observações situado no extremo opposto, em correspondencia da ultima janella da estampa (*) que tem por cima uma fresta ou abertura. Foi esta rasgada de proposito para de dentro se observarem as passagens dos planetas e das estrellas pelo meridiano. O telescopio acromatico ou *luneta* [aliàs oculo] meridiana com que se fazem estas observações gira entre duas columnas de marmore, assentes n'uma base firme e sobre si. É de construcção de Dollond; tem quarenta e duas pollegadas de foco e quarenta de eixo, vindo a ser maior do que o do observatorio R. de Paris.— Foi collocado no plano do meridiano por J. M. da Rocha, e por este mathematico distincto muitas vezes verificado pelo pérgão da Raposeira, que para taes verificações fez construir a 2683 braças de distancia.— Ha proximo, em uma firme columna de marmore, logar para quadrante mural; porem como não existe este instrumento está o mesmo logar, desde a primitiva, occupado por um quadrante movel de Troughton de trinta e nove pollegadas e meia de raio.— Tinha a principio um erro de colimação d'alguns segundos; mas vindo em 1810 para Lisboa, e voltando a Coimbra em 1814, natural é que soffresse maiores alterações com as jornadas.— No vão da janella que olha para o sul e é opposta á que se vê na estampa,

(*) Veja-se a estampa no antecedente numero.

ha um parallatico de Cary assente em base de pedra firme e tambem sobre si. Foi reduzido á latitude do observatorio pelo Sr. Miranda, curioso e habil artista, que hoje é guarda do mesmo observatorio; logar que desempenha com a maior dedicação. — Assenta o dito parallatico em tres pontos bem determinados, e acompanha soffrivelmente o movimento diurno de qualquer astro. Porem, de todos os instrumentos deste observatorio, seguramente o mais perfeito é uma pendula franceza de Berthoud, que trabalha sobre agathas, e tem annualmente uma variação quasi nulla. —

Passemos aos outros pavimentos. Aos lados do segundo ha, no mesmo nivel, dois eirados ou sotéas com guaritas nos angulos. A sala do meio contem dentro de uma como calha aberta no chão um tenuissimo fio metalico traçando a meridiana. No andar superior existe um grande sector de Adams, com o qual não tem sido possivel trabalhar por defeitos de construção, e natural é que nunca virá a servir. —

Julgâmos ter mencionado o que ha de essencial na descripção do observatorio: o assumpto não é dos mais amenos, nem facil de se appresentar com essa apparencia; mas aos que se tiverem enfadado com a nossa visita no interior do estabelecimento, convidâmos a que venham connosco espaiar para o ultimo eirado de cima. Espaçoso não é em verdade este local, — o mais elevado de Coimbra abaixo da torre da Universidade. Mas quanto é bello — depois de se ter andado a ouvir sérias explicações, resultados de profundos e taciturnos calculos de lettras e algarismos, e a ver salas, cujas paredes se acham ornadas de quadros sim, mas com os desenhos de apoquentadores systemas de fortificação [destinados ao ensino dessa arte que ahi se projectou estabelecer] — quanto é bello, repetimos, chegar ao eirado superior do edificio, e ahi ressarcir-se amplamente da sombria e afanosa visita, com o gozo do vasto panorama que se offerece em derredor, quando dissipados os nevoeiros locais do Mondego se encontra um dia claro! Oh! quanto é bello estender dahi os olhos por esses cazaes e logarejos, por esses terrenos cultivados de vinhas e olivedos, por esses campos variegados que offerecem annualmente a abundancia aos que habitam a cidade! — Quantos quadros picturescos não podéra ahi aproveitar um artista habil! — Das bandas do occidente ás do septentrião, erguem-se a desafiar as nuvens enoveladas serranias, que de longe trazem origem, e servem de manancial a muitas ribeiras. Destas algumas cobram força e arrojo antes de chegar a enriquecer com seus tributos os dois irmãos mais novos do Têjo e do

Douro, — o placido e obscuro Vouga, e o nomeado e por vezes poderoso Mondego. — Lá vêdes a fresca e amena Louzaã cujas lombas tanto fertilisam os abastados vales que de continuo presenciam. — Tristonho e rude se vos afigura o gigante Caramulo: sua carregada catadura bem demonstra que nem para pasturar cabras teem serventia os matos, que o cobrem. — Tambem tu, meritamente gabado Bussaco, não fôras mais afortunado por partilhas só da natureza. O teu aspecto se mostrára aspero e afugentador como o troar das bombardas que ainda neste seculo repercutiram em echos pelos teus profundos valles se, em outras eras, mãos de algum anjo da terra não houvessem tecido as vestes para resguardar o teu corpo descarnado. — Se depois, almas piedosas, procurando o retiro e apartamento do mundo, não convertessem o abrigo dessas mesmas vestes de verdura em aposento da divindade.. — e se hoje, que o machado do lenhador tomou conta das arvores, como a marreta dos que tudo querem demolir se apossou dos monumentos, — se hoje mãos beneficas de homens que ainda teem uma alma que sente, não houvessem aparado os golpes... Mata encantadora! Em copia, variedade, e desalinho de vegetação nada tens de commum e similhavel aos modelos virgens da natureza, que primeiro me feriram os olhos, e que por tal arte arrebatam a alma que para os gosar dissereis conviria não possuir tão minguado numero de sentidos. É verdade: nada tem destas parecenças que injustamente se lhe teem attribuido. Porem o inefavel gozo de um dia passado no Bussaco, pela generosidade de um amigo visinho do local, nunca se poderá apagar da memoria agradecida.

Menos encantadores não são os quadros de mais perto. — Aos pés do observador jaz prostrada a altiva e orgulhosa Coimbra, com os mal poupados restos de suas vetustas muralhas e couraças, de suas antigas e novas igrejas... em parte a encobre o edificio generosamente dado á Universidade por elrei D. João 3.º, para vir depois um intruso castelhano, um Philippe, exigir a importancia para a sua real corôa... Da banda do sul, no meio da encosta da montanha, avulta o vistoso convento de freiras de Santa Clara: em baixo as ruinas de uma antiga igreja do mesmo nome; ao lado a quinta das lagrimas, — a fonte dos amores onde tu, linda Ignez, ensinavas aos montes e ás hervinhãs

«O nome que no peito escripto tinhas.»

Áquem, por entre os celebrados e saudosos campos,

« Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo. » —

Espirito observador, indifferente ás mathematicas! se fores a Coimbra não deixes — eu vos peço — não deixes de visitar o observatorio astronomico da Universidade! (—V.)

ARCHIPELAGO DOS AÇORES.

4.º

A HISTORIA destas ilhas, posterior aos gloriosos successos da aclamação do principe portuguez e legitimo, e da expulsão dos intrusos hespanhoes, é destituida de factos notaveis até o seculo presente.

Sabido é que elrei D. Affonso 6.º, cuja historia em grande parte está por escrever, tendo sido despojado do exercicio da soberania pelas côrtes dos tres estados de 27 de janeiro de 1668, esteve recluso por seis annos na casa dos governadores no castello de Angra, donde o mudaram para o real paço de Cintra: algumas particularidades a este respeito deixámos estampadas a pag. 228 do antecedente volume.

Reinando elrei D. José se estabeleceu para este archipelago uma Capitania-geral, por decreto de 2 d'agosto de 1766: e foi elevada a provincia pelo alvará de 26 de fevereiro de 1771. Angra foi a séde do governo de todas as ilhas, gozando já do titulo de cidade desde os tempos d'elrei D. João 3.º, que lhe deu o foral de 23 d'agosto de 1533: o mesmo monarcha, fundador da Sé, assentou nella a cadeira episcopal, alcançando a bulla expedida por Paulo 3.º aos 3 de novembro de 1534. A diocese abrange todas as nove ilhas. Em 1798 se creou a Junta da Fazenda dos Açores, em 15 de novembro de 1810 a das Justiças, e em 18 de setembro de 1811 a de Melhoramento d'agricultura; porem estes tribunaes não corresponderam á intenção do legislador, porque achámos que não melhorou com elles a condição da provincia. Durante a guerra com a França padeceu muitos prejuizos o commercio dos Açores. Quando o Sr. D. João 6.º se trasladou para o Brasil, houve quem lembrasse transferir a côrte para a Terceira temporariamente, donde o regresso a Portugal seria sem duvida mais prompto: não é do nosso instituto calcular as probabilidades do resultado deste pensamento patriótico.

Os acontecimentos politicos de 1820 influiram nos Açores, como em todas as possessões portuguezas: no primeiro de março de 1821 a cidade de Ponta-Delgada, capital de S. Mi-

guel, e em 2 de abril seguinte a de Angra proclamaram as bases do novo pacto social. Muito frescos são esses successos, para que possam ser pelo miudo relatados; pertencem á historia contemporanea circumstanciada, bem como os das ultteriores vicissitudes da monarchia, cujos documentos se offerecem aos escriptores futuros nos papeis e jornaes politicos do nosso tempo. Porem aos fastos militares do archipelago açoriano, que vimos ter figurado gloriosamente na lucta da legitimidade e independencia nacional contra Castella, accrescenta novas paginas a epocha actual, com a narração dos estupendos successos, de que a Terceira foi theatro em 1829. Do porto de Lisboa sahiu uma expedição, composta de uma náu, 3 fragatas, 2 corvêtas, 5 charrúas, 4 brigues, 2 escunas, 2 hiates, 2 patachos, 1 barca canhoneira, com 344 bocas de fogo, e 3:393 homens de tropa de desembarque, para reduzir á obediencia do governo intruso o unico baluarte, onde em terra portugueza fluctuava então a bandeira da Nossa Soberana. Conhecidos são os resultados do conflicto na Villa da Praia da Victoria em 11 d'agosto do anno citado, sendo os defensores 1:269 homens com sós 11 peças d'artilheria; e não se contando em toda a ilha mais de 2:386 praças, assim divididas:

Artilheria e conductores	416
Cavallaria	63
Caçadores	427
Infanteria e voluntarios	1:444
Generaes, superiores e avulsos . .	36

Para noticia mais cabal consulte-se a *Memo-ria*, acompanhada de extensos mappas, que em 1835 publicou o Sr. E. C. C. Pinheiro Furtado.

Angra (*), capital da Terceira, conterà com pouca differença um terço da população da ilha, [a qual subirá a 38:000 habitantes]; está situada ao longo de uma bahia, de que tira o nome, desde o pontal e castello de S. Sebastião a leste até ao pontal de Santo Antonio a oeste, occupando tambem o declive das eminencias visinhas. É vistosa pela alvura de sua casaria, assente em amphitheatro, entre a qual sobresaem os campanarios dos templos, e para alem della as encostas d'altas montanhas, vestidas de arvoredos. As ruas são tiradas em linhas rectas, largas e com passeios de lagens, e é boa a construcção e apparencia dos edificios. Para o occidente da cidade, entre os montes e o mar, dilata-se o campo, chamado a *Terra-Chaã*, de legua de comprido por meia de largo, cheio de boas quintas com algumas

(*) Angra é mais espaçosa que um porto, e menos que uma bahia.

casas de recreio: é o sitio mais aprasivel da ilha. A fortaleza de S. João Baptista, de que anteriormente fallámos, e que é uma das praças portuguezas de maior defensão, por arte e pela natureza, está a cavalleiro da cidade, sobre o Monte-Brasil, que consiste n'uma península escarpada, e que é formada pela bahia de Angra a leste, o mar ao sul, a bahia do Fanal ao poente, e ao norte pela especie de isthmo, que separa as duas bahias, cuja largura é de 260 braças.

Depois da capital nenhuma outra cidade conta a ilha: duas são as villas, a de S. Sebastião, e a da Praia da Victoria: esta tem experimentado duas quasi completas ruinas por effeitos de terremotos; o do anno preterito foi fatal; guardâmos para artigo especial a narração delle, acompanhada de gravuras. — As outras povoações se intitulam aldêas, posto que algumas, em relação ao numero de habitantes, bem poderiam gozar a cathegoria de villas, como a de *Santa Barbara*, situada em terreno plano sobre pequena rocha á beira-mar, virada ao sul, e quatro leguas distante da cidade para o occidente: tem campos ferteis e cria bastante gado. Todavia a ilha quasi que só nas visinhanças da costa é povoada, ficando inculto muito terreno do sertão, que seria assaz productivo se os povos tivessem facilidade de adquirir os baldios, e mais que tudo a de transportar aos portos os generos, que cultivassem. Consta-nos que o zêlo das auctoridades, que presidem ao regimen actual da Terceira, se tem nestes ultimos annos empenhado em procurar aos terceirenses os meios de se estabelecerem no torrão natalicio, sem que vão derramar o seu suor, vendendo-o por vil preço em climas distantes: emigração vergonhosa, porque desertam os braços, não de um terreno aspero como a Suissa e as serranias gelidas da Escocia, mas d'um solo creador, que tem matas e agua, e camadas fecundas, sob uma benigna e saudavel atmosphera. Esforços, até pecuniarios, da parte do Governo do Reino, devem ser applicados a coadjuvar os desvelos dos principaes *funcionarios publicos* e dos principaes proprietarios, que na epocha de illustração, que vamos percorrendo, não duvidam concorrer com diligencias, conselhos e exemplos para melhorar essas provincias, lançadas no Atlantico, e que com sua prosperidade serão elementos de riqueza para a Monarchia. Abram os olhos os governantes e governados; e não se diga mais o que algumas vezes com magua temos escutado; que tão excellentes possessões, se cahissem em mãos britannicas ou francezas, seriam um jardim, e uma mina: apraziveis mais que a natureza as fez, ricas muitissimo mais que os amantes dos me-

lhoramentos conjecturam. Boas leis administrativas; favor para o commercio reciproco com a metropole; educação conveniente espalhada pelo povo; abertura ou refórma dos melhores portos, tão necessarios naquellas paragens; remoção de obstaculos que embarcem a agricultura; aclimatação de novos ramos de cultivo; creação dos compativeis estabelecimentos industriaes; auxilio á pescaria e á navegação commercial; plantação de arvores florestaes: eis aqui algumas bases solidas para o adiantamento do archipelago açoriano.

Se nos fosse possivel [attenta a extensão deste artigo] transcrever algumas passagens da *Memoria sobre as ilhas dos Açores, principalmente sobre a Terceira*, publicada em Paris em 1834 pelo Sr. Luiz Meirelles do Canto e Castro, os leitores se convenceriam do muito que se póde fazer a bem daquella terra fertil; para este opusculo, cheio de reflexões importantes, chamâmos a attenção dos naturaes ou conhecedores das ilhas. Nelle affirma-se um facto, que seja amostra da fertilidade: d'uma lorangeira em maio de 1814 colheram-se nove milheiros de laranjas; e quantas se não tinham já apanhado na mesma arvore em dezembro e janeiro precedentes! (*) Esta, que tem parceiras no mesmo territorio, inculca um seculo de duração, a sua altura excede a quatro braças: imagine-se a graciosa copa de uma lorangeira, sempre com a sua gala verdejante, realçada ora com flores balsamicas, ora com pomos dourados, veja-se quanto será jucundo o contemplá-la: e sirva tambem de amostra da força da vegetação açoriana.

A Terceira, susceptivel de accrescimo de população, e por consequencia de maior cultura, porque vimos que não é escaço o terreno proprio, ainda assim mesmo exporta, termo medio annual, seis mil moios de cereaes, e 20 a 25 mil caixas de laranja. As outras suas producções são, vinho, batata de varias castas, e inhames de que o povo faz muito consumo. Como as arvores de espinho da-se bem a oliveira, posto que não se cultive como devêra: cria a planta do tabaco, a cana do assucar, e muitas das fructas tropicaes a par das que produz a Europa. Tem abundancia de gado vaccum, de cujo leite se fabrica muito boa manteiga: os porcos são os mais avultados em corpo e de mui saborosa carne, quer de fumeiro, quer de salga, e muito mais sendo fresca. Entre as producções espontaneas da ilha numera-se o lichem ou musgo, chamado urzella, que se colhe nos rochedos, e que tão precioso é para a tinturaria dos pannos.

(*) Existe no sitio da Cruz-dourada, freguezia de S. Bartholomeu.

EXPERIENCIA.

A EXPERIENCIA é o conhecimento de qualquer cousa adquirido pela pratica — o qual conhecimento é, geralmente fallando, muito superior ás theorias, embora sejam estas o resultado da experiencia de outras combinações. Só a pratica dá a taes conhecimentos as noções proprias para a sua applicação em occasião opportuna.

A experiencia, a que convem mais o nome de ensaios, tem dado de si importantes resultados. É por ella ajudados que os homens conhecem as qualidades sanativas, nutritivas, e damnosas de varios animaes e substancias vegetaes que empregam na medicina, e na sustentação propria. Abriu-lhes a estrada de utilissimas descobertas com que o genero humano tem melhorado consideravelmente a sua sorte: — ensinou-lhes a devassar os incognitos mares do Oceano, e as regiões do ar. Fez-lhes descobrir o espantoso poder mechanico do vapôr, e o modo de arrojear pesadas massas de cobre e ferro com força irresistivel por meio da explosão de uma certa substancia que se denomina polvora. Finalmente á experiencia são devidos os homens de quasi todas as commodidades e prazeres de que gosam, e de que gosarão até o fim do mundo; e tão reconhecido foi sempre o seu poder que já o nosso immortal Camões dizia no seu tempo, que

Desta arte se esclarece o entendimento
Que *experiencias* fazem repousado.

A experiencia, que consiste nas noções adquiridas pelo processo ou pratica, é sempre proveitosa quando se refere meramente ás artes e sciencias. Estes conhecimentos que derivam de observações feitas, e frequentemente repetidas com grande attenção, raramente nos enganam. As theorias sem a experiencia são de bem pequeno valor; e quando se trata de as applicar á pratica é então que isso se conhece perfeitamente. Nos conhecimentos mechanicos alcançados pela experiencia nossa ou dos outros, todos podem e devem confiar. O mesmo acontece com a experiencia relativa aos effeitos de certos agentes elementares da natureza, como, por exemplo, a que nos ensina que o fogo consome a madeira, derrete os metaes, faz ferver a agua, e petrifica a cal, &c. É pois evidente que possuímos principios intuitivos destes conhecimentos, mas tambem o é que a experiencia os desenvolve, aperfeiçoa, e os torna uteis ao homem, como o prova a seguinte occorrença: — Em quanto o navio do celebre capitão Cook se achava ancorado junto a uma das ilhas que este ca-

pitão havia recentemente descoberto no mar do sul, usavam alguns dos habitantes das mesmas ilhas acudir a bordo da embarcação, no camarim da qual eram por costume introduzidos os de mais distincção. N'uma manhã, estando os officiaes a almoçar, um daquelles ilhéus, observando que o cirurgião deitava agua da chaleira no bule, abrindo a torneira do vaso quiz fazer o mesmo, e lançou sobre as mãos o fervente fluido; mas apenas elle sentiu os effeitos da sua imprudencia, e a terrivel dor occasionada pela escaldadela, principiou a bramar e a bater com as mãos uma na outra como se estivera doudo. Por largo espaço se conservou nesta mofina situação, até que o cirurgião do navio, applicando-lhe o lenitivo proprio, lhe minorou a dor, e o restituiu, em grande parte, ao antigo estado. Estes povos, que não teem vasos proprios para conter fogo, nunca até alli tinham visto agua a ferver, e por isso ignoravam os effeitos della. A experiencia mostrou porem áquelle individuo quaes elles eram, fazendo-lhe lembrar por longo tempo que *nada conhecemos ser bom ou máu sem que a experiencia no-lo manifeste.*

Pela experiencia tem os homens descoberto o modo de tornar uteis e proveitosos os effeitos do fogo; de neutralisar as mortaes consequencias do veneno; e de descer, para curiosas e uteis investigações, ás profundidades do mar, sem risco de se afogarem. Nas primitivas e escuras idades do christianismo, quando as sciencias eram de poucos conhecidas e professadas, recorria-se a alguns d'aquelles meios para o importante fim de sentenciar ou absolver a pessoa accusada de qualquer crime. — A que podesse caminhar descalça e com os olhos vendados sobre barras de ferro ardente, ou metter as mãos em azeite a ferver, sem se queimar, era desde logo reputada innocente; e culpada, se o contrario do que acima expomos, lhe acontecesse. O réu poderoso, que quizesse sobornar os padres para o perservarem contra os effeitos de tal experimentação, tinha logo toda a certeza de que nada lhe succederia, ao passo que os pobres, embora estivessem innocentissimos, não entravam em duvida de serem declarados criminosos, e como taes sentenciados.

Ha um genero d'experiencia a todos accessivel, e que a todos respeita — é o conhecimento do genero humano, que adquirimos com a pratica do mundo. Se os homens fossem to-bons, e o mundo fosse uma scena de perfeita innocencia e bondade, pouca experiencia bastaria a qualquer individuo para passar a vida com honra e prazer. Infelizmente porem

aquelle conhecimento é-nos necessario para nos livrarmos das ciladas do mundo, e prevenir-nos contra a maldade dos que o habitam, e contra estratagemas e violencias dos que nos dominam. Os homens, por desgraça nossa, não são inspirados por aquelle espirito de universal benevolencia que prefere o bem de todos ao interesse individual. Pelo contrario [honrosas excepções se notam nesta regra] observa-se geralmente que cada um cura só do que lhe convem, sem ao menos se lembrar que o meio mais seguro de promover a felicidade propria é o de estudar o modo de concorrer para o bem dos outros voltando as costas ao sordido egoismo.

Aos mancebos inexperientes custa a acreditar que o caminho mais curto e desempeçado para alcançarem interesses, e solido prazer, é quasi sempre o opposto ao que elles por tal reputam. Não podem suppor que as galanterias do amor conttenham em si mesmas um germen de illusão destruidora e que fazem sempre presa nos que da sua perigosa influencia não tem o preciso conhecimento. Julgam commummente que os conselhos dos homens experimentados são consequencias do peso dos annos e do sentimento de não poderem já ter aquelles gózos. Só quando a experiencia lhes mostra o seu erro, e ás vezes a cabo de peniveis e dolorosos sofrimentos, é que os mancebos se convencem da sinceridade de conselhos, que se houvessem sido adoptados lhes teriam evitado serios desgostos, desviando-os dos abysmos em que muitas vezes os precipitou a inconsideração e falta de experiencia.

HORTICULTURA.

Novo methodo de mergulhia.

O FALECIDO conde de Linhares, que foi secretario d'estado, introduziu no Brasil uma colonia de chins, peritos em agricultura e hortêjo. Dois viajantes allemães observaram e descreveram a mergulhia que lhes viram fazer, sendo a experiencia n'um pé de certa especie de myrto ou murteira indigena. O ramo, que mergulharam, já tinha algumas pollegadas de grossura; liaram-no com uma ligadura de palha entremeada com estrume de cavallo, formando uma capa cinco ou seis vezes mais grossa que o ramo; deram-lhe abaixo da atadura um corte ou incisão annular; e depois sobre o ramo assim enfaxado começaram a deitar de bastante altura agua, mediante um regador de chuva miuda. — As arvoresinhas novas, obtidas por esta mergulhia, podem em geral ser se-

paradas e transplantadas ao cabo de dois mezes. Os chins, neste ramo da arte do hortelão, possuem conhecimentos muito analogos ás nossas idéas sobre o crescimento das arvores; de fórma que, para terem arvores que mais rapidamente cresçam, servem-se dos raminhos ou rebentões superiores; mas, para mergulhias, que venham a ser mais productivas e melhores, lançam mão das varas mais fortes e que brotam perto do chão.

Meio para não espigarem as couves.

Acontece com frequencia que as couves repolhudas espigam em vez de fecharem: M. Maclot, citado pela Sociedade d'Agricultura e Artes de Leão, emprega, para o evitar, os picos ou espinhos do espinheiro, e pilriteiro. Cravam-se os picos transversalmente entre a primeira e segunda ordem de folhas, deixando-os ficar para que promovam uma extravasão consideravel de séve. Deste modo não se effectua a florescencia, nem por consequencia a fructificação; e as folhas superiores recebendo toda a nutrição multiplicam-se e conglomeram-se.

Nova cultura dos morangueiros.

Foi communicado á sociedade de horticultura de Londres um modo de cultivar a fragaria sativa, que deu bons resultados. Abrem-se na direcção norte-sul pequenos regos, e a terra delles ageita-se em comorosinhos alinhados, de obra de nove pollegadas de alto sobre o nivel do chão: pelo lombo dos comorosinhos se dispoem em todo o cimo os pés dos morangueiros, sustendo-se os dois lados declives com tijolos. Criam-se assim morangos mais temporãos, de sabor mais delicado, e em mais abundancia do que nos pés dispostos em tableiros, como se usa. Alem disso ha a vantagem de que nos terrenos de pouco fundo as raizes gozam assim melhor; e os tijolos nos lados não só recebem e reflectem os raios do sol de nascente a poente, mas tambem conservam a humidade, de maneira que em tempo sêcco menos agua é necessaria do que pelo methodo ordinario.

ARTES.

Cor verde-mar liquida.

PARA obter esta cor prepara-se o seguinte liquido. — Toma-se uma libra (*) de verdete crystallizado e bem escolhido: meia libra de tartaro branco: quatro libras de bom vinagre. Faz-se de tudo mistura, que se deixa ficar por

(*) A libra franceza corresponde a uma £ e $\frac{6}{100}$, peso portuguez.

espaço de uma noite; e no dia seguinte põe-se a ferver até se reduzir a metade: deixa-se assentar por dois dias, no fim filtra-se, e guarda-se o liquido n'um frasco bem limpo.

Modo de limpar medalhas velhas.

Para tirar ás medalhas de prata velhas a codea de oxido que faz inintelligiveis as figuras e os caracteres, o professor Lancellotti de Napoles as mette n'um acido de sal commum [acido muriatico] oxigenado; depois as mergulha por alguns instantes n'uma solução de sal ammoniaco; e as esfrega com um pedaço de panno até que de todo se desfaça a incrustação d'oxido.

BIBLIOGRAPHIA.

Annaes maritimos e coloniaes: publicados pela Associação Maritima e Colonial, de Lisboa.

A MONARCHIA portugueza, apezar dos golpes que a tem desmembrado, ainda conserva extensas e mui valiosas possessões ultramarinas: a posição geographica deste reino, o commercio que fazemos, o numero de nossas embarcações, nos admittem ao gremio das nações maritimas. A par da prosperidade da agricultura, são a navegação e o commercio os objectos que mais interessam os portuguezes zelosos do bem da patria; os dois ramos para que os nossos compatricios tem especial vocação. Portanto, com que gosto vemos fundada uma sociedade de pessoas benemeritas, que por suas profissões, ou estudos, ou conhecimentos locaes, estão aptas para desenvolver e ensinar as materias conducentes ao maior auge da sciencia naval, e ao melhoramento dos dominios d'alem-mar? —

Como os homens primitivos se congregaram para melhor subsistirem; os homens civilizados da presente epocha reúnem as suas riquezas intellectuaes para se aperfeiçoarem reciprocamente, e para aproveitamento da sociedade em geral. O progresso do espirito d'associação, quer litterario seja o seu alvo, quer industrial, é feliz vaticínio para um povo; pelo que quando entre nós virmos surgir institutos que o propaguem, daremos os parabens á nação, e louvores aos membros de que se compozerem.

A Associação Maritima, creada desde 5 de novembro de 1839, é credora aos nossos elogios, até pelo lado litterario. Nos 10 quadernos dos *Annaes*, que tem publicado, alem das noticias necessarias aos navegantes, tomadas das melhores fontes, ha especies tão instructivas quanto curiosas, tractadas em importantes artigos, por esta publicação disseminados. Taes são, a memoria sobre as quasi ignoradas pos-

sessões que temos na Oceania, as ilhas de Solor e Timor; outra referta d'erudição, sobre a prioridade dos nossos descobrimentos em o norte d'America; a informação sobre o estado, regimen e administração do vantajoso Estabelecimento de Macáu; outra de muita ponderação sobre os Estados da India; e as reflexões sobre a civilização dos povos africanos.

A introdução, em o n.º 1.º, pela clareza das idéas, a elegancia da linguagem pura, e o conhecimento das cousas nacionaes, revelam a destra penna do respeitavel litterato que a escreveu.

Em summa este jornal realisa o pensamento que occorreu ao Ex.^{mo} Sr. Visconde de Sá da Bandeira, quando mandou redigir o *Memo-rial Ultramarino*. E assim como as Sciencias Medicas tem seu jornal privativo, e o da Sociedade Pharmaceutica; assim como a industria e agricultura podem recolher instrucções uteis dos *Annaes da Sociedade Promotora*: já a Marinha de Guerra e a Mercante tem sua publicação especial, mas que o não é tanto que nella se não encontre leitura para todas as classes, e assumptos que muito influam em animos verdadeiramente portuguezes.

O Expositor portuguez: rudimentos do ensino da lingua materna; pelo Sr. Luiz Francisco Midosi — 2.ª edição. Lisboa 1841.

Este livrinho é adaptado á intelligencia das creanças, que ainda balbuciantes na casa de seus pais vão ser comettidas á direcção do professor de primeiras lettras; homem de ordinario mal apreciado, mas que nos ampara, sustem, e guia no primeiro passo debil com que enctâmos o caminho do saber futuro. — Em breves paginas comprehende o que os francezes denominam syllabario e livro da primeira infancia: gradualmente o póde appropriar o preceptor, seguindo a escala das lições, ao progresso do discipulo. Encerra pequenas narrações, em estilo facil, acompanhadas de gravuras; um pequeno cathecismo de noções essenciaes; e não lhe faltam as orações quotidianas e as primeiras idéas do fundamento da crença catholica, em que vivemos. Dá as definições de cousas, que é necessario que os alumnos aprendam, e que o bom mestre deve explicar ampliando-as: contem um catalogo de palavras homonymas, ou quasi homonymas; uma tabella das abbreviaturas mais usadas; e outros accessorios interessantes. — Já goza das honras de 2.ª edição; e esperâmos que nas futuras sahirá melhorado, muito mais na parte typographica; porquanto é da natureza destas obras adquirir em successivos retoques e aperfeiçoamentos maior grau de merecimento.